



## QUEM SOFRE MAIS E QUEM SOFRE MENOS

A consequência da crise internacional deve afetar, de forma mais agressiva, as empresas em que o investimento estrangeiro estiver mais concentrado. Os especialistas dizem que, pelo fato de o mercado brasileiro estar relativamente melhor que o internacional, a tendência de desvalorização é mais acentuada nas empresas de *commodities*. Para Carlos Martins da Trader Gráfico, “até agora essas empresas foram as que mais sofreram, enquanto que algumas ligadas à infra-estrutura interna, como telefonia e eletricidade, ficaram de fora da crise”. Marcio Relvas, consultor financeiro e administrador do portal Monitor Investimentos, compartilha da mesma opinião e reforça quais setores tendem a sofrer menos: “O setor de construção, muito dependente de financiamentos, e as empresas ligadas às *commodities*, que estavam com suas cotações muito elevadas, sentirão mais a crise. Os setores seguros continuarão sendo os de geração e distribuição de energia e, possivelmente, os bancos nacionais que ficarem imunes ao contágio dos empréstimos podres”.

Se conseguir manter a racionalidade, ponto para você. Há um consenso de que toda perda pode ser superada, mesmo que com algum tempo de espera. Christian Cayre, consultor de finanças e mercado de capitais e autor do blog CHRinvestor, diz que grande parte dos investidores age de forma irracional em relação aos seus investimentos. Como consequência, sofrem perdas frequentes e têm predisposição a acreditar que a crise não vai passar. “A irracionalidade só leva a catástrofes ou, no máximo, a resultados medíocres”, argumenta Cristian.

Não superar a perda pode ser o maior erro do investidor que vê suas ações se desvalorizando. Para o consultor financeiro Augusto Saboya, o conceito de “perder dinheiro” na Bolsa é relativo: “O que acontece agora é que o investidor está deixando de ganhar como ganhou até dezembro do ano passado. O prejuízo é relativo, pois se o investidor pagou 10, ganhou 20 e agora está com 15, ele não pode dizer que está perdendo”. A onda de desespero aumenta ainda mais com a exploração da imprensa sobre a crise. Christian diz que “a imprensa colabora para esse sentimento de pânico, estampando manchetes que assustam e deixam a impressão de fim dos tempos”. O resultado: investidores se desfazendo de suas posições, quando na verdade deveriam comprar.

Outro especialista, Ricardo Pereira, defende que a crise nada mais é que uma fase de ajuste e que a resposta a ela continua nas bases fundamentalistas das empresas. “Papéis de companhias estruturadas e com grandes possibilidades de crescimento passam por ajustes naturais no mercado, entretanto, os fundamentos das empresas continuam bons. Aqueles que mantiverem suas posições serão premiados”, finaliza Ricardo, que é consultor do blog Dinheirama.

## A PSICOLOGIA E A CRISE

Em uma crise, outro fator a ser levado em conta é o chamado *feeling*. Nessa teoria, o que importa é a sua opinião e convicção de que está investindo na empresa correta. Para Ricardo Humberto Rocha, “você não pode contrariar sua opinião, principalmente se não estiver confortável em relação ao risco que pode correr. Não é que o investidor tenha de se tornar um bruxo, mas se ele não está confortável, não deve ir na onda dos outros”. A boa performance em Bolsa precisa mais que doses homeopáticas de emoção: “O pensamento independente, a capacidade de su-